

## Sobre a Amizade\*

José Arthur Giannotti\*\*

**Resumo:** Este artigo procura delinear os contornos da amizade na sociedade contemporânea, distinguindo-a de outros modelos de ação a ela adjacentes, como a intimidade e o companheirismo.

**Palavras-chave:** amizade - intimidade - sociabilidade - intersubjetividade.

O tema é antigo e de bom tom; fica bem celebrar a amizade. No entanto, os elogios são de pouca valia para o entendimento dessa prática tal como se dá nos dias de hoje. Se nos deixamos levar pelos sentimentos, permanecerá na sombra certa ambigüidade que a marca como uma espécie de tarefa obsessiva. Procurarei distinguir três conceitos cruzando-se naquilo que hoje se chama amizade, tentando assim desenhar certo horizonte de nossas relações sociais, pois esses conceitos, além de descritivos, apontam paradigmas com os quais lidamos ao agir. Em poucas palavras, trata-se de

\* Este ensaio começou a ser pensado quando, em Marília, se homenageou Oswaldo Porchat Pereira, mas só consegui terminá-lo agora, quando **discurso** (Revista do Departamento de Filosofia da USP) também homenageia Gérard Lebrun. Peço licença ao Departamento e ao próprio Lebrun para prestar este meu tributo conjunto a ambos, meus intensos e íntimos amigos. Finalmente devo aqui deixar registrada minha dívida a Rodrigo Naves, Vinícius de Figueiredo e Marco Giannotti pelas sugestões e correções que me fizeram.

\*\* Professor aposentado pelo Departamento de Filosofia da USP e pesquisador do Cebrap.

distinguir, primeiramente, o protótipo da intimidade, quando as relações intersubjetivas são baseadas na apreensão do outro como sujeito enquanto fissura do mundo; em seguida, aquele do companheirismo, quando as ações se tecem em vista do cumprimento de uma tarefa; e no meio se situa a zona *gris* da amizade propriamente dita, cobrindo um conjunto de relações nas quais um cuida no outro daquilo que ele preza em si mesmo, em especial, a lealdade. Situando-me historicamente, cabe dizer que procurarei focalizar aquela forma de amizade considerada comum por Montaigne, em oposição àquela mais intensa, despertada por La Boétie, e que beira o amor. Obviamente os três paradigmas se mesclam na vida cotidiana, nossas relações com os outros sendo atraídas aleatória e diferentemente por esses pólos. E não sei até que ponto minhas experiências a respeito são generalizáveis, de sorte que se trato de encontrar conceitos descritivos é antes de tudo para que possam valer como instrumentos para melhor compreender uma situação, creio eu, vivida por muitos da mesma maneira.

Em seu tratado sobre a amizade, Cícero a define como aquele consenso sobre todas coisas divinas e humanas, acompanhadas de benevolência e afeição (*omnium divinarum humanarumque rerum cum benivolentia et caritate*; cap. VI). É interessante notar que a tradução francesa de Laurand suprime essa referência às coisas divinas. Sempre se aproveita meditando sobre o deslize dos grandes - e Laurand é um grande latinista -, de modo que convém deter-se nessa ausência. Não se move a amizade contemporânea unicamente ao nível das coisas humanas, deixando de tematizar esta sua dimensão divina, precisamente aquela que marca o lado pelo qual ela transcende o plano da mera sociabilidade efetiva?

Estamos acostumados ao fato da amizade. Dela carecemos assim como precisamos do alimento e do exercício, da solidão e da conversa, da emoção e do pensamento. Mas quase sempre a tomamos na qualidade de consenso sobre o que fazer no mundo cotidiano. Com os amigos conversamos, a eles contamos nossas histórias, relatamos nossos sentimentos; saímos juntos, vamos à praia ou ao cinema e sobretudo comemos.

Por que comer junto ocupa tanto espaço nas relações de amizade? Seria apenas uma questão de tempo, já que dedicamos aos amigos aquele que roubamos ao trabalho? Podemos ter muita afeição por um companheiro

de trabalho, mas amigo é qualquer coisa de mais próximo, aquele com quem cumprimos certos rituais dentre os quais a comida encontra sua vez. Não me parece que se trata apenas do prazer da partilha, ou do interesse em fazer circular os bens do alimento e da sociabilidade; mas há um lado de exorcismo em jantar junto. Por que todos comemos no mesmo ritmo, numa seqüência de pratos, um esperando que o outro comece, a fim de que não se embaralhem as pequenas diferenças de hierarquia? Por que a equidade da sala se quebra quando as pessoas se sentam à mesa? Repare-se como perturba o convidado que chega atrasado e come sozinho. Tudo parece pois indicar que o ritual da mesa, da festa pequena, é uma espécie de contenção, exercício para que os atos não saiam do lugar. Na mesa geralmente se conversa à-toa, os assuntos sérios são evitados ou deixados cuidadosamente para depois. Enquanto comemos um se dirige ao outro, como se a comida não fosse o importante, e mesmo quando porventura se fala dela, o caráter sublime do discurso vela os prazeres do gosto. A comida geralmente é discreta, acompanhamento como aqueles rabiscos que desenhamos num papel ao falar ao telefone ou num quadro negro durante uma aula. Esses rabiscos não são símbolos, não são todavia inteiramente desestruturados, pois se costuram no mesmo ritmo do fluxo dos sentidos que enunciamos. Ninguém descreveria uma batalha desenhando flores numa lousa, mas provavelmente demarcando espacialmente as posições das tropas.

De certo modo o comer junto assegura os limites sociais da amizade. Quando o jantar sai segundo os conformes, desenha a imagem de como a amizade deve ser e libera a angústia de que possa extravasar seus limites. Sabe-se que muitas formas de dizer o sexo empregam a linguagem da cozinha e das refeições. Tudo parece indicar que o comer junto exorciza fantasias de que as pessoas pudessem se "comer" entre si. Isto muito diferentemente da relação de intimidade, quando o erotismo é praticamente elaborado segundo os procedimentos da dialética platônica. E não estou pugnando por um pansexualismo, mas tomando o sexo num sentido muito amplo, aquele segundo o qual as pessoas se tocam num prazer que traz o ocultamento de si. E "comerem-se" aqui também significa a luta desregrada, estado de guerra sem qualquer contrato.

Além disso, existe uma virtude no receber e no ser recebido tendo o alimento como meio de circulação. Porquanto não se come junto como se anda ou se vai junto ao cinema, ao teatro, a um museu. Nestes últimos casos, o consenso amigável se tece na medida em que se partilham idéias e juízos estéticos, de sorte que o senso comum se firma em relação a uma exterioridade que, por mais ideal ou bela que seja, se põe para a gente como meta a ser alcançada. Enquanto no caso da comida essa meta é ingerida, o refinamento é entranhado. O jantar entre amigos repõe um dos poucos traços que nos resta de um cristianismo autêntico. Se repete o ritual do sacrifício, o transforma, porque a hóstia ingerida deixa de ser aquele alimento consagrado aos deuses, mas em grande parte comido pelos próprios homens, para transubstanciar-se no próprio deus que partilhará nossas entranhas. Do mesmo modo, quando se come junto no ritual do receber, o refinamento dos pratos, o gosto delicado no ordenamento dos paladares se interiorizam em nós como base de cultura comum. Por isso é que não podemos deixar de sentir pena daquele Sócrates austero, que se retira do banquete inteiramente sóbrio e impecável, sem pecado, unicamente para assegurar a pureza de sua virtude. A virtude contemporânea é "grise", sendo ao mesmo tempo cinza e inebriada.

Cinza porque depende particularmente da memória. Os amigos estão sempre repetindo uma espécie de ato inaugural que os uniu, aquele momento em que se viram juntos sob um aspecto da vida, reconhecendo-se como parceiros de uma aventura única, a ser então reiterada com segurança. Por isso distinguimos os amigos, juntos na aventura, daqueles de final de semana, do trabalho e assim por diante. Estes permanecem cada qual no seu nicho, fragmentos duma experiência reiterada cotidianamente, enquanto os verdadeiros amigos, se revivem experiências passadas, o fazem se abrindo para novas e inéditas aventuras. Já os antigos observaram que uma ausência prolongada leva ao esquecimento do amigo. Mas essa experiência se matiza nos dias de hoje, pois, de um lado, a continuidade de nossa vida cotidiana fragmenta-se por meio de cortes muito mais profundos, exigindo uma espécie de restauração dos amigos do passado. Aquele que estudou no exterior, por exemplo, não viaja periodicamente para rever antigos amigos? Depois de vários anos, não restabelece com eles uma velha familiaridade? Mesmo

se agora levam vida muito diferente, os momentos que passam juntos recorram um espaço comum reafirmado, pausa na enorme ausência que entre eles se aprofunda. Mas ainda imaginam que estão abertos para o novo.

Inebriada, enfim, porque a amizade de hoje mantém uma relação muito peculiar com a virtude. O amigo é aquele que "quebra o galho", cuja lealdade é de certa forma incondicional. Ele é aceito como é, sua desonestidade somente sendo considerada quando põe em xeque a própria segurança da relação, quando um ato inesperado e surpreendente ameaça a integridade daquilo com que sempre se pode contar. Porto seguro, a amizade contemporânea constitui um esquema social sólido, *habitus* firmado em nítido contraste com a insegurança quer da vida pública, quer da intimidade. E por certo é uma experiência muito dolorosa quando se constata que o amigo faltou à confiança tacitamente prometida, quando, por exemplo, julga incorreta uma ação antes de ter reiterado a lealdade pressuposta. Amigo é aquele que antes de reprovar segura a mão do outro e, mesmo quando censura, reafirma o terreno comum que foi laborado durante anos.

Vejamos rapidamente como os dois outros pólos se delineiam. O companheirismo é aquele comportamento que se firma na consecução de uma tarefa. Marca o turbilhão que caracteriza nossas relações com as instituições da sociedade civil e com o estado. Em certas circunstâncias esperamos que um instituto cumpra suas funções ou as altere, em outras, procuramos escapar daquilo que consideramos o seu rigor, mas positiva ou negativamente estamos sempre nos associando, fazendo amigos e adversários. E os laços entre companheiros são muito mais instáveis do que aqueles que ligam os "verdadeiros" amigos, para os quais a amizade não depende do tempo em que dura o mesmo objetivo comum.

Em contrapartida, a intimidade marca nossas relações mais profundas e misteriosas com o outro. Aqui começa, por assim dizer, nosso comércio com o divino. Vimos que os romanos tomavam a amizade como o consenso sobre as coisas divinas e humanas, acompanhadas de benevolência e afeição. Isto significa que enfeixavam, num só esquema de relações sociais, os três conceitos que estou tentando separar, tendo em vista as últimas alterações por que passaram os contrastes entre a vida privada e a pública. Noutro texto procurei descrever o conceito de intimidade e não vale a pena retomar

aqui o assunto. Devo somente salientar que ela exprime aquele relacionamento entre dois sujeitos, que se tomam como indefinidos e angustiados, como se estivessem no limite do mundo, respeitando as respectivas autonomias e formulando para eles próprios normas *ad hoc*, cuidando, enfim, de que cada um sempre venha a respeitar a angústia alheia. Isto opondo-se às relações de amizade, entendida como um sistema de regras sociais, ambíguo mas delineado, traçando modos definidos das pessoas se relacionarem entre si, na base quer da lealdade a compromissos passados, quer da troca recíproca de dons, tudo enfim se integrando na expectativa do diferente.

Em particular preciso salientar o caráter *sui generis* da intimidade de nossos dias. Não há dúvida de que Aristóteles, como se lê no livro VIII da *Ética a Nicômaco*, já distingue a amizade e a intimidade do amor. O interessante, porém, é que nossa intimidade, se está ligada ao amor, sugere uma espécie de sublimação da sexualidade. Em primeiro lugar, sabemos muito bem que a sexualidade pode tornar-se um rito de tal forma esquematizado que expulsa qualquer intimidade. Basta reler Sade, particularmente *La Philosophie dans le Boudoir*, para perceber que Mme. de Saint-Ange e o Cavaleiro de Mirvel separam de modo radical sexualidade e intimidade. Não se pode dizer que os rituais perversos que praticam sejam tingidos por qualquer traço de relação íntima, isto é, de respeito mútuo por suas respectivas subjetividades. Em contraposição, Marcel e Saint Loup, em toda *À la Recherche du Temps Perdu*, são íntimos amigos, embora nunca se efetivem as sugestões que cruzam a atmosfera erótica na qual sempre estão envolvidos. Assim sendo, mesmo quando a relação íntima se torna sexual, propicia uma espécie de sexualidade delicada e refinada, cheia de símbolos, quando até a carícia pode transmutar-se num toque sublimante. O ato sexual abole o outro como sujeito, o desejo em se realizando coloca o outro como corpo e a alma alheia como desejo do outro corpo; enfim, ele é uma relação que opera intrinsecamente no mundo. Mas se, por certo, propicia a intimidade, se as pessoas cujos corpos se conheceram passam a se olhar e a se tocar como dois mundos misteriosos, é porque o esquecimento do sexo se tornou memória inscrita em pequenas e refinadas diferenças de comportamento.

Note-se que tanto a intimidade como o companheirismo estão intrinsecamente vinculados à virtude. Conforme a primeira, os sujeitos se ligam

comprometendo-se a respeitar a autonomia alheia, a capacidade de cada um inventar normas para o caso. Conforme o segundo, o compromisso se trama com a tarefa e o respeito por ela. No entanto, a amizade, situada entre uma intimidade instável e uma vida pública insegura, deixa de ser eminentemente virtuosa, para transformar-se numa espécie de esquema de sociabilidade, que pode ser usado em sentidos diferentes.

Nisso ela se distingue totalmente da *philia* grega. Tanto para Platão quanto para Aristóteles, até mesmo para Epicuro, cujas análises mais se aproximam do fenômeno tal como ocorre em nossos dias, a *philia* é naturalmente moral: seu exercício implica aperfeiçoamento do ser de cada um. É por isso que existe um movimento, por exemplo, nos três tipos de *philia*, distinguidos por Aristóteles, de tal sorte que a prática da amizade por afeição propicia a amizade por interesse, ambas as práticas levando à amizade por meio da teoria. E as básicas diferenças existentes entre esses três tipos são dissolvidas pelo movimento de os indivíduos adensarem seu próprio ser. Foi de propósito que iniciamos este estudo pela definição de Cícero, pois tentando combinar consenso, benevolência e afeição, despreza aquele exercício para o sublime característico da análise grega e assim já prenuncia nossos tempos.

Desconhecemos totalmente este movimento do ser moral. Tomemos dois exemplos. Em primeiro lugar, recordemos o filme *Os brutos também amam* (*Shane*), de George Stevens. O pistoleiro é uma espécie de catalisador de amizades. Sozinho, desamparado, chega a um assentamento de colonos no estado de Alabama, atravessado por um conflito sem solução: de um lado, velhos vaqueiros que conquistaram a região e praticam a pecuária extensiva; de outro, os novos agricultores que vêm cultivar as terras férteis dos vales. Já no primeiro contato com o rancheiro Joe Starett se desenha um jogo de identificações, interesses e desejo. Starett encontra o companheiro de suas tarefas e de suas lutas, o que é desde logo assinalado na bela cena em que ambos arrancam um tronco de árvore, cuja presença concretiza os desafios que juntos haverão de enfrentar. O menino Joey descobre o super-homem de seus sonhos, e a partir de seu olhar toda a narrativa heróica se articula. Enfim, Marion, a mulher de Starett, reencontra o doce encanto de desejar e de se ver desejada. Shane sabe que seu mundo acabou, mas ao

contrário de Ryke, o vaqueiro, escolhe o caminho da virtude. Não é que Ryke seja essencialmente mau. Ao contrário, rebaixa-se e implora ao menino Joey que convença seu pai a aceitar o acordo que lhe propõe. No entanto, para preservar seu modo de vida, não lhe resta outra escolha a não ser o recurso à força e à violência. Neste universo historicizado, não há contudo conflito de direitos, um confronto semelhante àquele que alimenta a tragédia de Antígona. O Estado e a Lei apóiam os colonos; e somente sua ausência abre o espaço para a ação substitutiva e reguladora de Shane. Neste contexto, porém, a virtude é para os outros. A despeito de Shane se tornar amigo dos colonos, de tomar para si os perigos de uma cilada preparada para Starett, de matar Ryke, seu bando e o pistoleiro Wilson, sua virtude não o salva para o novo mundo. O dever de amizade o obriga a deixar a família de Starett, a abandonar o pequeno Joey para que ele não tenha como herói uma figura do passado, assim como se afastar de Marion para que ela não alimente um desejo capaz de ameaçar a estrutura da família. Shane se põe no centro de um círculo de amizades, sendo-lhe vedada qualquer transgressão, quer para o lado da intimidade, quer para o lado da política, para a tarefa de construir uma nova colônia, confinando-se inteiramente à sua própria virtude, ao dever de manter suas relações sociais no nível da amizade, pois só ele pode carregar o peso das mortes pelas quais se faz responsável. O sacrifício cristão pode salvar sua alma, mas o condena para esse mundo. E assim ele parte, ferido, esvaziando-se como pessoa para converter-se num tipo mitológico.

Muito instigante para os nossos propósitos é o contraponto de *Shane* com *Os Imperdoáveis*, filme de Clint Eastwood. Agora a lenda se forma para os olhos de um escritor, isto é, para a memória do velho Oeste. Will Munny e Ned Logan são velhos amigos de bandidagem, convertidos por esposas virtuosas à miséria da vida cotidiana, e que partem juntos para obterem a recompensa que um grupo de prostitutas paga para se vingar de dois vaqueiros, um deles tendo desfigurado uma delas que ofendeu sua masculinidade. Interessante que as prostitutas se aglutinam tipicamente como companheiras, rateando suas economias para proteger a classe. Os dois velhos bandidos estão completamente fora de forma, particularmente Will, vontade perversa enervada e sem treino, que não sabe mais atirar nem mes-

mo montar a cavalo. Ned se junta a ele sobretudo por amizade, para não o deixar sozinho numa aventura para a qual ele não mais está preparado. A vingança se cumpre numa matança desastrada: Will mata o primeiro inimigo com um tiro tão degradante e cruel que Ned abandona a empreitada, voltando para casa. Não resta a Will senão prosseguir na luta acompanhado apenas por Schofield Kid, um garoto estouvado, de vista curta, que somente consegue matar o segundo inimigo quando este está desarmado e desarmado. Até este instante a desmistificação do gênero *western* é completa; Will não possui outro amigo próximo a não ser o rapaz fanfarrão que, tendo passado por sua primeira prova de fogo, assustado também abandona a carreira de pistoleiro. Ned porém é capturado pelo xerife Bill Daggett, bandido convertido, que mantém os aventureiros ansiosos pela recompensa longe da cidade, graças ao exercício da violência mais arbitrária. Ned é torturado e morto, sem contudo dar as informações solicitadas, apenas revelando a verdadeira identidade de Willian Murffy, cuja crueldade como matador de mulheres e crianças já se tomara lenda. A partir dessa prova de lealdade e de amizade, renasce o heroísmo de Will que mata o xerife e mais quatro companheiros, tudo isso diante dos olhos estugalhados do escritor, que teve assim a oportunidade de flagrar a lenda no seu nascedouro. Porque os heróis não são para si, crescem para a narração e para o registro da própria lenda. Esta, porém, não conta apenas a façanha, ela testemunha o elo indissolúvel de dois amigos, que se juntam para a aventura e arriscam suas próprias vidas a fim de manterem uma velha lealdade. Neste nível sublimado, a amizade é anterior a qualquer julgamento, vale como elo de duas almas que se colocam como duas faces de uma mesma moeda. E se Ned, depois do primeiro assassinato, tenta abandonar a empreitada, não é porque duvida do relacionamento de ambos, mas simplesmente porque não pretende associar-se a um ato que considera degradante. No entanto, mesmo a desonra do outro não deixa uma nuvem na velha amizade, para a qual não hesita em sacrificar sua própria vida. A amizade vale mais do que qualquer virtude, ou melhor, ela é em si uma virtude absoluta.

É para o olhar, quer do garoto Joey, quer do escritor, que a amizade continua heróica. Para nós, e tantos outros filmes recentes o confirmam, ela continua uma forma indispensável de sociabilidade, mas somente o

heroísmo da lenda a tinge de virtude. Circunscrita atualmente no interior de um esquema de poder, cuja estrutura já está definida de fora, e limitada pelas ameaças que a intimidade poderia trazer para uma família constituída, a amizade não pode fomentar aquele movimento que vai do sensível para o inteligível e que socializa conforme eleva o indivíduo para o plano da idealidade da Lei. Perde-se assim o nervo da *philia* platônica, tal como aparece tematizada no *Banquete*; porquanto o amor de Sócrates por Alcibiades concentra-se sobretudo naquela capacidade do jovem de perpassar as diferentes formas de amor, a fim de se aperfeiçoar numa ligação mútua entre *sujeitos*, que se amam na medida em que se *submetem* à potência das idéias. Sem essa dimensão propriamente criadora, sem esse amor pela divina faculdade do outro, orientada no sentido de elevar em cada um sua potência intelectual mutuamente combinada; além do mais, sem esta sujeição à racionalidade da lei pública, o ritual da amizade contemporânea se converte numa rede já pronta, num esquema de ação a que cada agente pode emprestar o sentido que lhe interessa. Joey é amigo por encantamento, Starett por interesse e consenso, Marion, por desejo e Shane, para resgatar até o fim seus antigos pecados e transformar-se num mito. Noutro plano, a lealdade de Will e Ned está além de qualquer transcendência, ela vale por si mesma. No entanto, desde que a amizade perde a idealidade da lenda, ela pode transformar-se em mero esquema, quando sua representação pode não corresponder às intenções mais profundas de cada um.

Incorporando esquemas operacionais ritualizados - como a periodicidade da frequentação, o sair e comer conjuntamente, a troca de presentes etc. -, a amizade de nossos dias, muitas vezes funcionando como instrumento social *prêt-à-porter*, traz uma grande dose de descuido pelo outro. Desde logo se percebe que uma pessoa cuida de seus amigos de uma maneira muito peculiar. Do amigo íntimo cuida dele como sujeito, independentemente da qualidade moral de seus atos em relação a terceiros, desde que entre ambos se mantenha a relação igualitária de respeito mútuo. Do companheiro cuida dele como responsável pela tarefa, tratando de averiguar até quando ele se mantém fiel ao compromisso assumido. Mas do amigo meramente amigo a preocupação maior se resume em mantê-lo como amigo, isto é, como agente capaz de reciprocitar tudo aquilo que lhe oferece ao nível

meramente social, notadamente a lealdade como forma narcísea de se amar a si mesmo. Daí o descuido em relação à concordância dos sentimentos próprios e alheios, pois enquanto um pratica a amizade por carinho, o outro pode praticá-la por interesse, aquele outro por admiração, um terceiro por subserviência ao poder alheio. A prevalência do ritual encobre a diversidade dos tipos de afeição, em particular, as diferenças que surgem ao longo dos anos, quando cada um caminha numa direção diversa do outro, até que desaparece a memória daquele congoçamento primeiro que deu origem à relação. Muitas vezes ocorre assim uma comédia de enganos. Suponhamos que dois amigos se freqüentem, mas enquanto um deles aposta numa relação de intimidade, abrindo seu coração para o outro como se fosse ele próprio, vendo nele as chances de descoberta que ele mesmo deixara de explorar, o outro somente vê no amigo a pessoa ambígua capaz todavia de explorar os mistérios de seu ser. O primeiro cuida do segundo enquanto potência de ser, embora este cuide daquele como poder sendo. Não é de estranhar que por trás da convivência amigável, um deles alimente inveja e rancor. É de se esperar que um dia o mal-entendido venha à tona. E tanto pior se o primeiro toma a explosão do segundo como ato passageiro, que não afeta a pretensa relação de intimidade longamente tecida, pois essa nova manifestação de respeito só aumenta a disparidade da situação, o rancor pela capacidade do outro ser sujeito e enfrentar, sem culpa, suas próprias angústias. E na medida em que a mera relação entre amigos circunscreve uma forma de cuidar do outro, que se move num plano em que os agentes se definem exclusivamente como amigos, por conseguinte sendo uma atração notadamente narcísica, a tendência é que se atribua ao outro a responsabilidade por todos os erros e por todas as culpas, reais ou imaginárias. Para o narciso é muito mais difícil e doloroso enxergar suas faltas, pois isso de imediato ameaça a identidade de sua imagem refletida sobre si mesmo, do que reconhecer as vicissitudes de sua conduta. Quantas vezes o professor é investido de todos os males a fim de que o aluno narcíseo evite macular a sacrossanta idealização de si mesmo, se esquive de seus desleixos e enganos, até mesmo deixe de tomar consciência de sua arrogância que despreza todo e qualquer trabalho alheio? E nada impede que a relação se inverta. Mas num caso ou

no outro, o importante é que a amizade se petrifica e o juízo moral que um pronuncia sobre a ação do outro converte-se em mero insulto.

Por fim, cabe uma observação metodológica. Se, de fato, a prática da amizade deixa de ser moral por excelência, não é por isso que sua análise deva ser apenas teórica, no sentido estrito de conhecimento *diretamente* submetido ao jogo do verdadeiro e do falso. Toda descrição do jogo moderno da amizade não esgota o que se pode falar dele. É preciso ainda que se retroceda a certas condições de existência desses esquemas de sociabilidade, a certos fundamentos do existente, a certas práticas que perpassam as estruturas sociais instaladas e que, se por certo só podem ser vistas nelas, se revelam quando estas se mostram indo além do que dizem no imediato. Uma descrição do jogo social da amizade demanda que se apontem as tensões que os amigos enquanto agentes enfrentam, quando a própria prática da amizade faz com que descubram os mistérios da intimidade e os entusiasmos do companheirismo. Em suma, além de mostrar as regras pelas quais os agentes se pautam, a investigação precisa ainda apontar as fronteiras desses jogos de linguagem, para as novidades que fogem das regras e os limites contra os quais os indivíduos se chocam. E particularmente sublinhar como, no horizonte da amizade ritualizada, apontam relações associais, perigosas para as instituições, porquanto, de um lado, valorizam o respeito mútuo acima de qualquer norma; de outro, se tecem precisamente para instituir normas nem sempre já válidas.

Isto vale em geral para toda a moral contemporânea, que não pode assim ser exclusivamente analítica, estudo de um *ethos* existente, de um sistema de normas sociais instituído. Requer ademais que se fale sobre o que este também *significa* diferentemente para mim e para outrem, no contexto de nossas mútuas relações, transcendendo os limites do mundo cotidiano, transpassando os significados que costumeiramente lhe emprestamos. Demanda, enfim, que se pergunte pelo *sentido* de um fragmento de vida, por conseguinte do que vai além do já instituído. Não diriam os antigos que aqui começa a fala sobre as coisas divinas?

É precisamente essa capacidade de autotransformação que falta ao ritual da amizade contemporânea. Se dela carecemos como do sono ou do alimento, não deixa por isso de desenvolver-se em geral no plano da inau-

tenticidade, como esquema social a que cada um empresta sentido diferente. Cabe também sublinhar que, até mesmo nesse plano, a *intensidade* de um relacionamento sistematicamente reiterado pode servir de *ocasião* para que as pessoas se reconheçam quer como sujeitos, quer como companheiros. Contudo, assim transpõem os limites da amizade. Mas se esta é uma das formas mais simples de nossa cotidianidade, convém dar-lhe o devido valor como lugar de passagem, porto seguro e confortável, pois nem sempre se deve pedir a nossos amigos que cuidem de nós e dos outros de modo a que todos revelem sua própria humanidade. Isto seria pecar contra o respeito necessário a uma possível intimidade. E se na vida cotidiana vivemos atraídos simultaneamente por esses três pólos, se o próximo freqüentemente combina intimidade, companheirismo e amizade, cabe ao menos ter consciência de que essa amizade, de que tanto carecemos, na medida em que se desliga do aperfeiçoamento de si e do outro, perde enfim seus vínculos com a velha virtude, podendo converter-se num esquema perverso para consumir o outro e obliterar o próprio sentido da alteridade.

**Abstract:** This article tries to describe the outlines of friendship in the contemporaneous society, distinguishing it from other models of action like intimacy and fellowship.

**Key-words:** friendship - intimacy - fellowship - intersubjectivity.